RESUMO
O presente artigo tem como objetos de estudo o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e sua inserção no contexto escolar, com foco nas manifestações clínicas, abordagens pedagógicas, e a perspectiva social de inclusão. Busca-se compreender as características cognitivas, sensoriais e comportamentais dos estudantes com TEA, bem como as estratégias pedagógicas que favorecem sua inclusão e desenvolvimento. Além disso, o estudo analisa o papel da escola na promoção de ambientes acessíveis e receptivos, considerando as implicações do Modelo Social de Deficiência para a construção de práticas educativas mais inclusivas e sensíveis à diversidade. Conforme apresentado, o TEA constitui uma condição do neurodesenvolvimento que apresenta grande heterogeneidade, exigindo abordagens pedagógicas específicas e adaptadas às necessidades individuais de cada estudante. A compreensão aprofundada de suas manifestações clínicas e cognitivas é fundamental para o planejamento de ações educativas eficazes, que promovam a autonomia, o engajamento e o sucesso escolar. Além disso, a inclusão efetiva de estudantes com TEA depende de uma transformação social e pedagógica, alinhada ao Modelo Social de Deficiência, que reconheça as barreiras atitudinais, ambientais e culturais presentes na sociedade e no sistema de ensino.

Palavra-chave: Autismo, Inclusão, Educação, Diversidade e Modelo Social de Deficiência.

SUMMARY
This article examines Autism Spectrum Disorder (ASD) and its integration into the school context, focusing on clinical manifestations, pedagogical approaches, and the social perspective of inclusion. The study seeks to understand the cognitive, sensory, and behavioral characteristics of students with ASD, as well as the pedagogical strategies that foster their inclusion and development. Furthermore, the study analyzes the role of schools in promoting accessible and welcoming environments, considering the implications of the Social Model of Disability for developing more inclusive and diversity-sensitive educational practices. As presented, ASD is a neurodevelopmental condition that presents great heterogeneity, requiring specific pedagogical approaches adapted to the individual needs of each student. A thorough understanding of its clinical and cognitive manifestations is essential for planning effective educational initiatives that promote autonomy, engagement, and academic success. Furthermore, the effective inclusion of students with ASD depends on a social and pedagogical transformation, aligned with the Social Model of Disability, that recognizes the attitudinal, environmental, and cultural barriers present in society and the education system.

Keywords: Autism, Inclusion, Education, Diversity, and Social Model of Disability.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) configura-se como uma condição do neurodesenvolvimento que vem ganhando cada vez mais destaque no campo da educação inclusiva. Caracterizado por desafios persistentes na comunicação social, na interação social, além de comportamentos repetitivos e interesses restritos, o TEA apresenta uma diversidade de manifestações que variam significativamente de uma pessoa para outra. Essa heterogeneidade, reconhecida pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), fundamenta a compreensão de que o espectro autista não é uma condição homogênea, mas um conjunto de perfis distintos que demandam abordagens pedagógicas específicas e sensíveis às necessidades de cada estudante (American Psychiatric Association, 2013).

Desde sua inserção na discussão pública e acadêmica, o TEA tem sido objeto de estudos que buscam compreender suas manifestações, fatores de diagnóstico e possibilidades de intervenção. Nesse contexto, a

escola desempenha um papel fundamental na promoção de ambientes que favoreçam a inclusão, o desenvolvimento integral e a participação ativa de estudantes com TEA. A compreensão aprofundada das características cognitivas, sensoriais e comportamentais desses estudantes é imprescindível para que professores e profissionais da educação possam planejar ações pedagógicas responsivas e inclusivas, capazes de proporcionar aprendizagem de qualidade e a valorização da diversidade (Bosa et al., 2018).

Além do entendimento clínico e pedagógico, o TEA também é abordado sob uma perspectiva social, especialmente por meio do Modelo Social de Deficiência. Essa abordagem, desenvolvida a partir das reivindicações de movimentos de pessoas com deficiência nas décadas de 1970 e 1980, propõe que as dificuldades enfrentadas por indivíduos com autismo não decorrem exclusivamente de suas condições neurológicas, mas sobretudo das barreiras sociais, ambientais e atitudinais presentes na sociedade e nos sistemas de ensino. Assim, a inclusão efetiva depende não apenas de diagnósticos precisos, mas, sobretudo, de uma transformação nas práticas pedagógicas, na infraestrutura escolar e na cultura de respeito à diversidade (Oliver, 1996).

Compreender o funcionamento cognitivo e as características de aprendizagem de estudantes com TEA é outro aspecto central para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas eficazes. As particularidades do processamento sensorial, as funções executivas, a teoria da mente e os interesses específicos são fatores que influenciam diretamente o modo como esses estudantes percebem, interpretam e interagem com o ambiente escolar. Nesse sentido, estratégias baseadas em recursos visuais, previsibilidade, rotina, interesses restritos e generalização de aprendizagens têm se mostrado fundamentais para promover a autonomia, o engajamento e o sucesso educacional desses alunos (Baron-Cohen et al., 2000; Grandin & Panek, 2013).

Assim, este estudo busca oferecer uma reflexão aprofundada acerca do TEA no contexto escolar, considerando suas manifestações, desafios e possibilidades de intervenção pedagógica, alinhando-se às concepções contemporâneas de inclusão e diversidade. A partir de uma abordagem que combina aspectos clínicos, sociais e pedagógicos, pretende-se contribuir para a formação de professores e profissionais da educação capazes de promover ambientes mais acolhedores, acessíveis e efetivamente inclusivos, que respeitem as singularidades de cada estudante e potencializem suas possibilidades de aprendizagem e participação social.

DEFINIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por desafios persistentes na comunicação social e na interação social, além da presença de comportamentos repetitivos e interesses restritos. Esses sinais costumam surgir nos primeiros anos de vida e variam significativamente de uma pessoa para outra, tanto em intensidade quanto em manifestação, razão pela qual se utiliza o termo “espectro”.

Do ponto de vista diagnóstico, o TEA é reconhecido pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) como um espectro justamente pela diversidade de perfis e necessidades que podem estar presentes. Isso significa que duas crianças com TEA podem apresentar características muito diferentes entre si — algumas podem não desenvolver a linguagem oral, enquanto outras se comunicam verbalmente, mas com dificuldades sutis na compreensão de normas sociais de conversação, por exemplo.

Entre os sinais mais comuns, destacam-se:

- Dificuldades em iniciar e manter interações sociais;
- Uso restrito ou incomum da linguagem verbal e não verbal;
- Rigidez a mudanças na rotina;
- Comportamentos repetitivos, como balançar o corpo ou alinhar objetos;
- Hiper ou hipersensibilidade a estímulos sensoriais (sons, luzes, texturas);
- Foco intenso em interesses específicos.

É importante compreender que o TEA não implica, necessariamente, em comprometi-

mento intelectual. Algumas crianças apresentam desenvolvimento cognitivo típico ou acima da média, enquanto outras podem ter deficiência intelectual associada. O mesmo se aplica à linguagem, que pode estar ausente, atrasada ou bem desenvolvida, mas usada de maneira incomum.

No contexto escolar, compreender a definição e a caracterização do TEA é essencial para que o(a) professor(a) da educação básica possa identificar as necessidades de apoio dos estudantes, planejar intervenções pedagógicas adequadas e promover um ambiente inclusivo, onde a diversidade seja acolhida e valorizada. O reconhecimento precoce dos sinais e a adoção de estratégias pedagógicas responsivas são passos fundamentais para garantir o direito à aprendizagem e à participação plena de estudantes com TEA.

Ao longo deste curso, você será convidado(a) a refletir sobre como transformar o cotidiano escolar por meio de práticas que respeitam as singularidades dos estudantes, especialmente no que se refere à comunicação e à aprendizagem.

TEA E O MODELO SOCIAL DE DEFICIÊNCIA

Além dos aspectos diagnósticos, é fundamental compreendermos o Transtorno do Espectro Autista (TEA) a partir do Modelo Social de Deficiência, uma abordagem que surgiu nas décadas de 1970 e 1980, a partir das reivindicações do movimento das pessoas com deficiência no Reino Unido. Esse modelo foi desenvolvido como uma crítica ao Modelo Médico de Deficiência, que tende a focar exclusivamente nas limitações individuais, nos déficits e na busca por “cura” ou “normalização” das pessoas com deficiência.

O Modelo Social, ao contrário, propõe que a deficiência não reside apenas na condição biológica ou neurológica da pessoa, mas sobretudo nas barreiras sociais, ambientais, comunicacionais e atitudinais, que restringem ou negam sua plena participação na vida em sociedade. Assim, o foco deixa de ser a "incapacidade do indivíduo" e passa a ser a responsabilidade coletiva de transformar os contextos que produzem exclusão.

No caso de estudantes com autismo, esse modelo nos ajuda a enxergar que grande parte das dificuldades enfrentadas na escola não decorre diretamente do diagnóstico, mas das barreiras impostas por um sistema educacional pouco flexível. As principais barreiras apontadas incluem:

- Barreiras comunicacionais, como a ausência]

de, onde todas as crianças tenham a oportunidade de se desenvolver e aprender com dignidade.

FUNCIONAMENTO COGNITIVO E CARACTERÍSTICAS DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que afeta o modo como o indivíduo percebe o mundo, processa informações e interage com os outros. O funcionamento cognitivo das pessoas com TEA apresenta uma ampla variabilidade, o que exige dos profissionais da educação uma compreensão aprofundada das características cognitivas, sensoriais e comportamentais, envolvidas no processo de aprendizagem.

Variabilidade Cognitiva e Heterogeneidade do Espectro

O funcionamento cognitivo de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é amplamente heterogêneo, o que significa que não há um único padrão de desenvolvimento intelectual ou de habilidades. Essa variabilidade é uma das características centrais do espectro e se manifesta tanto nas capacidades cognitivas quanto no perfil adaptativo, linguístico, sensorial e comportamental.

Dentro desse espectro, há pessoas com deficiência intelectual associada ao TEA, que apresentam prejuízos significativos em habilidades adaptativas e no desempenho acadêmico, enquanto outras possuem inteligência dentro da média ou acima da média, podendo inclusive apresentar talentos específicos ou habilidades cognitivas excepcionais. Quando essas habilidades se destacam de forma isolada, como, por exemplo, em memória mecânica, cálculo mental, leitura precoce (hiperlexia), reconhecimento de padrões, desenho detalhado ou habilidades musicais, fala-se em perfil de ilhas de habilidades – um padrão cognitivo irregular em que o desempenho é muito elevado em algumas áreas e significativamente comprometido em outras.

Essa configuração cognitiva irregular pode ser observada, por exemplo, em estudantes que apresentam desempenho excepcional em tarefas de lógica ou reconhecimento visual, mas que enfrentam dificuldades com linguagem pragmática, resolução de problemas sociais ou planejamento de ações. Ou ainda, em crianças com grande vocabulário e fala fluente, mas que têm dificuldade para compreender metáforas, manter conversas recíprocas ou compreender regras sociais implícitas.

O DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição) reconhece essa diversidade ao abandonar as antigas subcategorias diagnósticas, como Síndrome de Asperger, Autismo Infantil e Transtorno Desintegrativo da Infância, e adotar a concepção dimensional do espectro do autismo, enfatizando que os indivíduos variam quanto à intensidade dos sintomas e à necessidade de suporte. Essa mudança reflete uma compreensão mais fiel da pluralidade de perfis encontrados entre pessoas com TEA.

Reconhecer a heterogeneidade do espectro é também um passo essencial para combater estigmas, pois muitas vezes expectativas homogêneas podem levar à subestimação ou superestimação das capacidades reais da pessoa com TEA. Valorizar a neurodiversidade significa compreender que há múltiplas formas válidas de pensar, aprender e se comunicar, e que o papel dos profissionais da educação e da saúde é construir caminhos que favoreçam a expressão do potencial de cada indivíduo – e não moldá-lo a partir de padrões normativos fixos.

Funções Executivas e Flexibilidade Cognitiva

As funções executivas são processos cognitivos de ordem superior que regulam o comportamento intencional e orientado para metas. Elas incluem habilidades como atenção seletiva, planejamento, organização, inibição de respostas impulsivas, memória de trabalho e monitoramento de ações. Em estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), essas funções frequentemente se desenvolvem de forma atípica, impactando significativamente o desempenho acadêmico e as interações sociais.

As dificuldades nas funções executi-

vas podem se manifestar em diferentes contextos escolares, como na desorganização ao iniciar ou concluir tarefas, na necessidade constante de mediação para manter o foco, ou na dificuldade em seguir sequências de instruções, especialmente quando envolvem múltiplos passos. Além disso, a inibição comportamental reduzida pode levar a respostas impulsivas, como falar fora de hora, levantar-se sem permissão ou agir sem considerar as consequências, o que muitas vezes é mal interpretado como indisciplina.

Um aspecto central dentro das funções executivas é a flexibilidade cognitiva, que se refere à capacidade de ajustar pensamentos e comportamentos diante de mudanças nas demandas do ambiente. Essa habilidade permite, por exemplo, que a criança mude de estratégia diante de um erro, adapte-se a novas regras ou aceite variações na rotina. Em crianças com TEA, a rigidez cognitiva pode gerar grande desconforto frente a mudanças, como troca de professores, alterações no cronograma ou modificação do lugar habitual de sentar-se.

Além disso, a dificuldade na generalização de comportamentos – ou seja, na aplicação de um aprendizado adquirido em um contexto para outro diferente – também está relacionada à rigidez cognitiva e representa um desafio para o ensino de habilidades acadêmicas e sociais. É comum que a criança com TEA aprenda um conceito com um determinado educador ou material, mas tenha dificuldade de reconhecer ou aplicar esse mesmo conceito em outro formato ou ambiente.

Para mitigar essas dificuldades, algumas estratégias pedagógicas e terapêuticas podem ser muito eficazes:

- Ambientes organizados e estruturados, com rotina visual clara, horários previsíveis e regras explícitas;
- Uso de apoios visuais e sistemas de pistas, como quadros de tarefas, agendas ilustradas ou checklists;
- Ensino explícito de habilidades executivas, como organização do material, planejamento de tarefas e uso de estratégias de autorregulação;
- Previsibilidade de transições e mudanças de rotina, com antecedência e apoio gradual, promovendo a adaptação progressiva;
- Estratégias de reforçamento diferencial, valorizando a variabilidade comportamental e o uso de estratégias alternativas em situações-problema;
- Modelagem e role-playing, para ampliar repertórios de enfrentamento e promover a generalização de comportamentos adaptativos.

Essas intervenções atuam sobre os antecedentes e consequências ambientais, favorecendo a emissão e manutenção de comportamentos funcionais, mesmo diante de demandas complexas. Além disso, promover a flexibilidade comportamental e o fortalecimento das funções executivas é essencial para ampliar a autonomia da criança, sua capacidade de aprendizagem e sua adaptação social.

Teoria da Mente

Outro aspecto relevante no Transtorno do Espectro Autista (TEA) é a dificuldade relacionada à Teoria da Mente – a habilidade de atribuir estados mentais (pensamentos, emoções, desejos, intenções, crenças) a si mesmo e aos outros, compreendendo que essas representações podem ser distintas das próprias. Essa limitação impacta diretamente o processamento social, isto é, a forma como a pessoa interpreta, responde e se engaja em interações interpessoais.

No contexto do TEA, essa dificuldade pode se manifestar de diferentes formas, como na interpretação literal da linguagem, o que dificulta a compreensão de metáforas, ironias, piadas ou duplo sentido. Além disso, prejudica a leitura de pistas sociais sutis, como expressões faciais, gestos, entonações e contextos implícitos, que são fundamentais para uma comunicação eficaz.

A ausência ou o atraso no desenvolvimento da Teoria da Mente também compromete a empatia cognitiva, dificultando que o indivíduo preveja ou compreenda o comportamento dos outros, o que pode ser interpretado erroneamente como desinteresse ou indiferença. No entanto, é importante diferenciar a empatia cognitiva da empatia afetiva, que pode estar preservada em muitas pessoas com TEA, ou seja, elas podem

sentir a emoção do outro, mas não conseguem necessariamente interpretar sua causa.

Essas limitações afetam diretamente o desempenho em ambientes sociais e educacionais, especialmente em situações que exigem cooperação, compreensão de regras sociais não explícitas, resolução de conflitos ou participação em jogos simbólicos. Na escola, por exemplo, atividades em grupo e mediações pedagógicas que envolvem negociação de turnos, leitura de intenções ou entendimento de perspectivas alheias, tornam-se desafios consideráveis para a criança com TEA.

Processamento Sensorial e Aprendizagem

Estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) frequentemente apresentam alterações no processamento sensorial, que podem se manifestar como hipersensibilidade (respostas intensificadas) ou hipossensibilidade (respostas diminuídas) a diferentes tipos de estímulos: visuais (luzes fortes, movimentos), auditivos (ruídos, vozes), táteis (texturas, contato físico), gustativos (sabores ou temperaturas) e proprioceptivos ou vestibulares (movimento corporal, equilíbrio e noção de posição no espaço).

Essas particularidades sensoriais não são meramente “preferências” ou “manias”, mas sim reações neurobiológicas reais e significativas que impactam diretamente o bem-estar e a capacidade de autorregulação da criança. Um ambiente escolar muito ruidoso ou com iluminação agressiva, por exemplo, pode gerar comportamentos de esquiva, agitação, agressividade ou desligamento, que muitas vezes são interpretados erroneamente como "má conduta" ou "falta de interesse". Na verdade, tais comportamentos podem funcionar como formas de fuga ou evitação de estímulos aversivos, segundo os princípios da psicologia comportamental.

Por outro lado, em casos de hipersensibilidade, a criança pode buscar intensamente determinados estímulos (como balançar o corpo, cheirar objetos, emitir sons repetitivos ou tocar superfícies com frequência), o que pode ser funcional para a autorregulação, mas também pode interferir na atenção e no engajamento com as demandas escolares. Esses comportamentos sensoriais muitas vezes são rotulados como "estereotipias", mas é essencial compreendê-los dentro de seu papel regulador e comunicativo.

Para favorecer o processo de aprendizagem, é crucial que educadores e profissionais da escola estejam sensibilizados e capacitados para reconhecer e responder a essas necessidades sensoriais. Algumas estratégias eficazes incluem:

- Avaliação funcional do comportamento, para identificar a função de determinadas respostas sensoriais;
- Adaptação do ambiente físico, com uso de luz natural, redução de ruídos, organização visual e disposição de mobiliário que favoreça previsibilidade;
- Criação de espaços de regulação sensorial, como cantinhos tranquilos com materiais de estimulação sensorial controlada (almofadas, brinquedos texturizados, fones abafadores de ruído etc.);
- Flexibilização de atividades pedagógicas, permitindo pausas sensoriais programadas, escolha de materiais com diferentes texturas ou apresentação de conteúdos de forma multimodal (visual, auditiva, tátil);
- Colaboração com terapeutas ocupacionais, que podem orientar a criação de um perfil sensorial individualizado e sugerir intervenções específicas.

Promover a adaptação do ambiente como antecedente favorável contribui para aumentar a probabilidade de comportamentos de aprendizagem e engajamento, ao mesmo tempo em que reduz a ocorrência de respostas de esquiva ou desorganização comportamental.

Com um ambiente escolar acolhedor, sensorialmente ajustado e funcionalmente planejado, é possível criar condições de ensino mais eficazes e humanizadas, respeitando as singularidades neuro diversas de cada estudante.

Características do Processo de Aprendizagem no TEA

O processo de aprendizagem de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta características particulares que

demandam planejamento pedagógico intencional e individualizado, com foco na organização do ambiente, no uso de estratégias visuais e na valorização dos interesses e repertórios do estudante. A seguir, são destacadas algumas dessas características com aprofundamentos relevantes:

Aprendizagem visual

Estudantes com TEA frequentemente processam melhor informações visuais do que verbais. O uso de imagens, pictogramas, gráficos, vídeos, fluxogramas, quadros de rotina e agendas visuais ajuda a promover clareza, previsibilidade e organização temporal, o que facilita a compreensão de instruções e a sequência de tarefas. O suporte visual também minimiza a sobrecarga cognitiva, permitindo que o estudante antecipe o que será feito e se prepare emocionalmente para cada etapa da atividade.

Além disso, o uso consistente de estímulos visuais auxilia na manutenção da atenção, favorece o ensino de comportamentos-alvo e contribui para a autonomia do estudante em contextos escolares e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão aprofundada do TEA, considerando suas múltiplas manifestações e a perspectiva do Modelo Social de Deficiência, evidencia a importância de uma abordagem pedagógica que valorize a diversidade e promova a inclusão efetiva. Reconhecer a heterogeneidade do espectro, as particularidades no funcionamento cognitivo e sensorial, e as potencialidades de cada estudante é fundamental para o desenvolvimento de práticas educativas responsivas e adaptadas às suas necessidades. Assim, a escola deve atuar como um espaço de transformação social, onde barreiras comunicacionais, atitudinais, metodológicas e ambientais sejam continuamente desafiadas e superadas. Dessa forma, é possível construir ambientes escolares mais acessíveis, acolhedores e capazes de potencializar o aprendizado e a participação de todos, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e respeitosa à diversidade neurocognitiva.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FRITH, Uta. Autismo: explicando o enigma. São Paulo: Artmed, 2008.

GOMES, Adriana da Silva; PEDROSA, Renata. Aprendizagem de alunos com autismo: contribuições da Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 30, n. 57, p. 401-414, 2017.

LEEKAM, Susan R. et al. Describing the sensory abnormalities of children and adults with autism. Journal of Autism and Developmental Disorders, v. 37, n. 5, p. 894–910, 2007.

MERCADANTE, Marcos Tomanik. Aspectos clínicos e neuropsicológicos do autismo. In: TEIXEIRA, Maria Cristina Triguero Veloz; MERCADANTE, Marcos Tomanik (orgs.). Autismo: uma abordagem multidisciplinar. São Paulo: Memnon, 2013. p. 39–52.

OLIVEIRA, Rita Cristina; SCHWARTZMAN, José Salomão. Desenvolvimento neuropsicológico de crianças com autismo. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 32, n. 98, p. 173–181, 2015.

PEREIRA, Ana Carolina de Carvalho et al. Funções executivas em crianças com transtorno do espectro autista. Psicologia: Teoria e Prática, v. 22, n. 3, p. 263-276, 2020.

SOUSA, Deborah Cristina de; BOSA, Cleonice Alves. Perfil de funcionamento executivo de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo: relações com características clínicas e cognitivas. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 19, n. 3, p. 487–496, 2014.